

Sarney domina máquina de indicações

Ex-presidente detém monopólio para preenchimento de cargos no Ministério da Integração Regional e tem trânsito livre em pastas comandadas pelo PFL

BRASÍLIA — Além do grupo de Juiz de Fora, alguns setores políticos conseguiram consolidar sua influência no governo do presidente Itamar Franco. É o caso do ex-presidente José Sarney, hoje senador pelo PMDB do Amapá. Com seus filhos, a deputada Roseana Sarney (PFL-MA), a "musa do impeachment", e o deputado Zequinha Sarney (PFL-MA), o ex-presidente praticamente detém o monopólio das nomeações no Ministério da Integração Regional, comandado pelo maranhense Alexandre Costa.

A área de influência da família Sarney não se restringe, no entanto, à Integração Regional. O ex-presidente tem livre trânsito no Ministério das Comunicações, comandado pelo seu ex-ministro Hugo Napoleão, e na Casa Civil — onde Henrique Hargreaves, ex-assessor parlamentar de Sarney, responde pelo preenchimento de cargos. Por causa dessa situação, é possível encontrar apadrinhados do senador em quase todas as áreas da administração, inclusive no Ministério das Relações Exteriores e na Receita Federal.

Reclamações — Na semana passada, Sarney indicou seu assessor especial de gabinete, coronel Heitor José de Souza, para a diretoria de negócios dos Correios. A nomeação também está sendo disputada por um ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), mas o ex-presidente tem chances de levar a melhor. O poder do peemedebista Sarney sobre os três ministros pefeлистas — Costa, Napoleão e Hargreaves — é tanto que outras lideranças do PFL, como os senadores Élcio Álvares (ES) e Marco Maciel (PE), almejam a redistribuição dos cargos do partido para "figuras mais representativas".

O PMDB também consolidou áreas de influência no governo. Apesar de ter chegado com certo atraso ao círculo palaciano, o governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, conquistou cargos estratégicos. Ele influiu na nomeação do ministro da Agricultura, Barros Munhoz, e indicou o novo presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Antônio Félix Domingues. O governador também indicou o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) — responsável pelo programa de privatização. Luiz Carlos Delben Leite ocupou a presidência do banco até sexta-feira, quando foi demitido por Itamar, sob a alegação de que ele estava entrando em divergência com o ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko.

O ex-governador de São Paulo Orestes Queríca, e o governador do Pará, Jader Barbalho, estão entre os peemedebistas que mantêm poder no governo Itamar. O ex-governador tem livre acesso ao Ministério dos Transportes, entregue ao deputado querista Alberto Goldman, e Barbalho é sempre bem tratado no Ministério do Meio Ambiente — chefiado por Coutinho Jorge —, onde Queríca também é influente. O ex-governador é visto como o padrinho da nova presidente da Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (FCBIA), Alda Marcoantônio, e Barbalho ganhou, recentemente, o direito de substituir o superin-

tendente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inca) em seu Estado.

Economia — Páreo para o PMDB, o PSDB domina a área econômica. No Ministério da Fazenda, estão os escolhidos do ministro Fernando Henrique Cardoso e do deputado José Serra (SP). O presidente do PSDB, Tasso Jereissati, também indicou nomes na área econômica, como, por exemplo, o de Danilo Castro para a presidência da Caixa Econômica Federal (CEF).

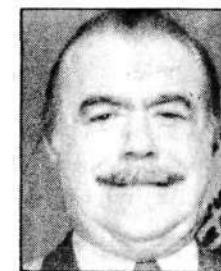
O PSDB tem ainda os ministérios do Bem-Estar Social e das Minas e Energia, chefiados respectivamente por Jutahy Magalhães Júnior e Paulino Cícero. Mas o partido não tem autonomia para nomear nestas áreas. Cargos importantes, como a presidência da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e as diretorias das estatais, foram preenchidos pelo Palácio do Planalto.

Os partidos mais à esquerda, que compunham o arco de alianças de Itamar no início do governo, perderam cargos. O PSB dos deputados Miguel Arraes (PE) e Jamil Haddad (RJ) foi varrido do Ministério da Saúde, repassado ao governador de Brasília, Joaquim Roriz (PP), com a nomeação de Henrique Santillo.

No Ministério do Trabalho, há influências do PT, apesar de o ministro Walter Barelli negar sempre sua vinculação com o partido. O marido da deputada Sandra Starling (PT-MG), Tales Chagas Coelho, por exemplo, é secretário-adjunto de Relações do Trabalho. O PPS, do líder do governo na Câmara, Roberto Freire (PE), indicou representantes seus para o Inca e exerce também influência sobre o Banco do Brasil. (M.B.)

FLEURY
CONSEGUIU
CONQUISTAR
CARGOS
ESTRATÉGICOS
NA MÁQUINA
FEDERAL

Quem nomeia



Sarney — Detentor do monopólio de nomeações no Ministério da Integração Regional, comandado pelo maranhense Alexandre Costa, o ex-presidente é um dos nomes mais influentes para fazer indicações no governo Itamar. Atua com os filhos Zequinha e Roseana.

Genaldo — O líder do PMDB na Câmara é o mais novo integrante do clube do Planalto. Já conseguiu nomear o presidente da Codeba. Prepara-se para uma queda-de-braço com o governador Antônio Carlos Magalhães: quer trocar o presidente da Telebahia.

Álvares — O senador coleciona nomeações em seu Estado, o Espírito Santo, e parece ter conseguido certo prestígio com o presidente Itamar Franco. Mas reclama da influência excessiva que o ex-presidente Sarney tem sobre alguns ministérios comandados pelo PFL.



Cardoso — O PSDB do ministro da Fazenda domina os cargos da área econômica. Cardoso reparte as nomeações com tucaos como o deputado José Serra e o ex-governador e presidente do partido, Tasso Jereissati, que indicou Danilo Castro para presidir a CEF.

Fleury — O governador de São Paulo chegou com certo atraso ao círculo palaciano. Mas conseguiu conquistar cargos estratégicos no governo. Influui decisivamente na escolha do ministro da Agricultura, Barros Munhoz, e indicou o presidente da Conab.

Hargreaves — O ministro-chefe da Casa Civil, do grupo de Juiz de Fora, ainda é o comandante da máquina das nomeações para os escalões inferiores do governo. Mas, as críticas feitas por parlamentares, modificaram um pouco seu estilo, agora mais discreto e maleável.